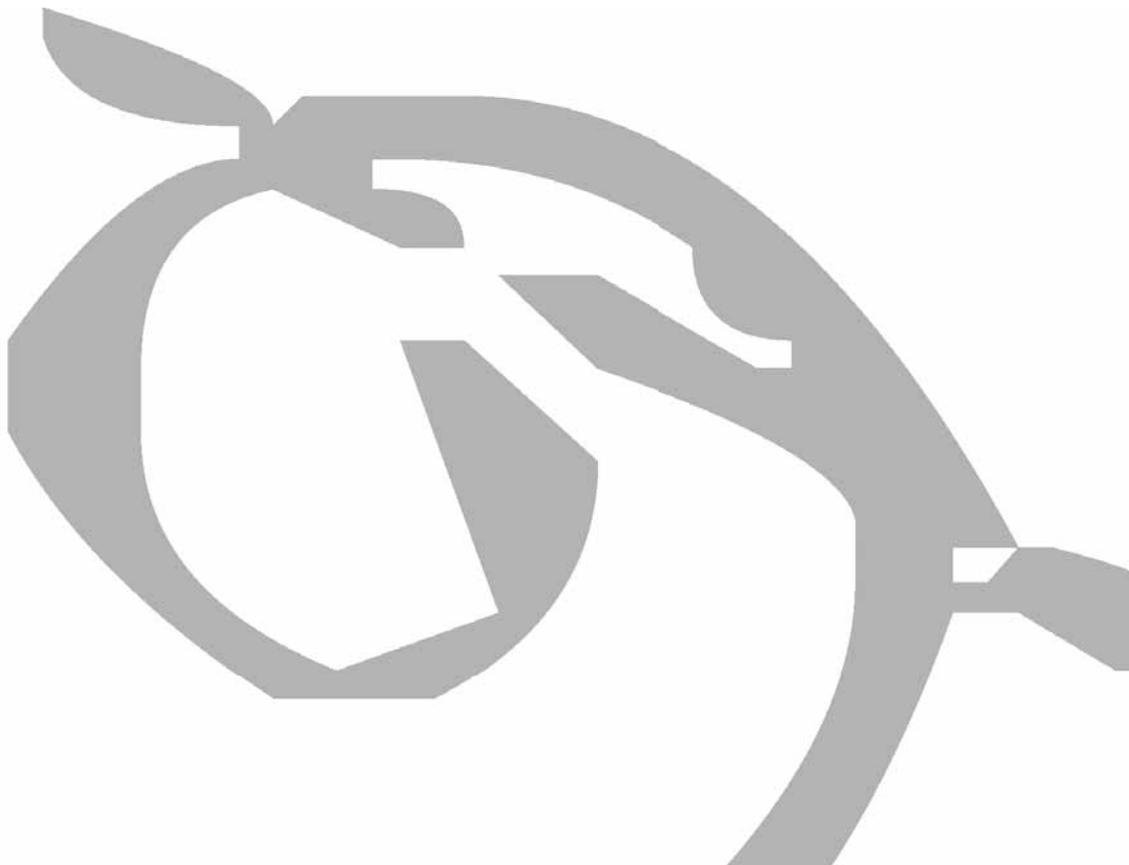


Dossiê Heidegger: a arte e o espaço



Apresentação

(Dossiê Heidegger: a arte e o espaço)

Em um seminário ocorrido em 1969 na localidade de Thor, na Provença francesa, Heidegger diz que o seu trajeto filosófico é marcado pela mudança da pergunta pelo sentido de ser (*Sinn des Seins*) para a pergunta pela verdade do ser (*Wahrheit des Seins*), esta última compreendida como uma topologia do ser (*Topologie des Seyns*), e acrescenta: “três palavras que se alternam, marcando as etapas do caminho do pensar: SENTIDO — VERDADE — LUGAR(τόπος).”¹ As considerações sobre a arte são concomitantes a essas transformações que ocorrem no percurso filosófico de Heidegger e nos oferecem um fio condutor para compreendê-las. A preocupação com a arte se inicia em meados dos anos trinta e encontra uma importante e primeira configuração na publicação do texto “A Origem da Obra de Arte”, escrito em 1936, permanecendo presente ao longo de todo o pensamento posterior do filósofo. Em particular, a assim denominada “topologia do ser” revela o peso que as reflexões sobre a arte e o espaço (*Raum*) adquirem no pensamento tardio de Heidegger.

A tradução, inédita em língua portuguesa, do texto de Heidegger que aparece nesse número da revista *Artefilosofia* baseia-se no original alemão *Bemerkungen zu Kunst – Plastik – Raum*, publicado pela editora Erker.² Trata-se de uma palestra proferida por Heidegger em 3 de outubro de 1964 por ocasião da abertura da exposição das obras do escultor Benhard Heiliger na cidade de St. Gallen. Segundo a edição original, a tradução traz algumas notas de Heidegger (indicadas por N. do A.) e de seu irmão, Hermann Heidegger, bem como dois anexos também do autor. As notas do tradutor são indicadas por N. do T.

A palestra “Observações sobre Arte – Escultura – Espaço”, ao mesmo tempo em que nos oferece um documento precioso acerca do pensamento tardio de Heidegger, traz considerações originais e de fundamental importância sobre a obra de arte. Assim, o texto em questão serve tanto àqueles que se interessam pelo pensamento de Heidegger quanto ao público culto “não especializado”, amante da arte e da filosofia.

Os artigos que acompanham esse dossiê nos permitem vislumbrar a trajetória filosófica de Heidegger a partir de suas observações sobre a arte. André Duarte e Laura de Borba Moosburger mostram a gênese das preocupações sobre a arte e as mudanças que elas acarretam no pensamento do filósofo a partir do texto “A Origem da Obra de Arte”. O artigo de Ute Guzzoni tem como base o texto traduzido

¹ Heidegger. “Seminário de Thor 1969”. In: *Questions IV*, Paris: Gallimar, 1979. p. 278. (O protocolo do seminário foi redigido originalmente em francês e, posteriormente, traduzido para o alemão e publicado na GA tomo 15.)

² HEIDEGGER, M. *Bemerkungen zu Kunst – Plastik – Raum*. St. Gallen: Erker, 1996.

nesta revista e nos mostra como as considerações sobre a arte são fundamentais para se compreender a origem e os desdobramentos da noção de “topologia do ser” no Heidegger tardio. Lígia Saramago nos apresenta uma síntese da questão da arte e do espaço e suas diversas nuances conceituais ao longo do pensamento de Heidegger. Por fim, o texto de José Luiz Furtado suscita discussões gerais sobre a origem da obra de arte, a partir de sua gênese transcendental.

André Duarte nos revela como o início das preocupações sobre a arte fazem parte de um longo processo reflexivo que irá resultar na assim denominada viragem (*die Kehre*), a mudança que ocorre no pensamento de Heidegger em meados dos anos trinta. O texto “A Origem da Obra de arte” representaria um momento fundamental para a avaliação do trajeto filosófico de Heidegger, marcado pelo abandono gradativo do projeto de uma ontologia fundamental, centrada na temporalidade do ser-aí (*Dasein*), em favor da história do ser (*Seinsgeschichte*). As análises acerca da obra de arte permitiriam pensar uma nova noção de mundo e de história, já não como estruturas ontológicas derivadas da temporalidade originária do ser do *Dasein*, mas sim como manifestações epocais do próprio ser. A obra seria ela mesma um acontecimento histórico da verdade, uma origem (*Ursprung*) que permitiria doar, fundar e iniciar a cada vez uma época nova e única. Essa nova concepção de história, presente nas reflexões sobre a arte, indicariam uma mudança de postura relativamente ao engajamento político de 1933 com o regime nacional-socialista e uma certa reticência quanto à necessidade e à possibilidade de o povo alemão realizar seu destino historial. Assim, esse escrito de 1936, ao mesmo tempo em que acusaria um distanciamento e uma cautela com relação à opção política de 1933, mostraria também a gênese de problemas e conceitos fundamentais do pensamento posterior do filósofo alemão. Seria a partir dessa nova concepção de história que Heidegger pôde reconhecer a necessidade de começar a pensar a modernidade em sua proveniência metafísica e em sua essência técnica, levando à elaboração da noção de “história do ser” nos anos quarenta, bem como às críticas posteriores ao regime nazista.

Laura Moosburger apresenta uma análise de “A Origem da Obra de Arte” focada na noção de verdade como não-velamento (*Unverborgenheit*). O desvelamento próprio da obra de arte seria alcançado por Heidegger mediante dois movimentos essenciais: por um lado, a partir da crítica às concepções estéticas da arte e, por outro lado, por meio do pôr a descoberto do que é próprio da obra de arte e a distingue das coisas naturais e daquelas produzidas pelo homem. Em um primeiro momento, trata-se de ver como Heidegger destrói as noções tradicionais de coisa que condicionam a interpretação estética da arte e fazem dela uma matéria enformada, transformando-a em um símbolo calcado em uma imitação da natureza ou em uma reprodução de estados de alma do artista. A superação da relação metafísica entre forma e matéria se daria pela introdução do conceito de terra, até então inédito no pensamento de Heidegger. A obra de arte já não seria mais pensada como matéria enformada, mas sim como abertura da verdade que instala

e reúne em uma unidade o conflito entre mundo e terra e, assim, põe em obra a verdade de uma determinada humanidade historial. Laura reproduz os movimentos principais pelos quais Heidegger forja, por meio de uma interpretação de um quadro de Van Gogh e de um templo grego, essa nova concepção de arte.

Ute Guzzoni esclarece aspectos fundamentais da relação entre arte e espaço nos escritos posteriores a “A Origem da Obra de Arte”, quando as noções de lugar e de “topologia do ser” já se mostram consolidadas no pensamento de Heidegger. A autora defende a tese segundo a qual, no interior do pensamento tardio do filósofo, haveria um enfraquecimento progressivo do pensamento historial do ser (*seinsgeschichtlichen Denkens*) e uma crescente valorização do pensamento do mundo (*Weltdenken*). Essa mudança de rumo se mostraria de forma clara nas reflexões heideggerianas sobre a arte e o espaço.

Tomando como base os escritos “Considerações sobre Arte – Escultura e Espaço” e “A Arte e o Espaço” (este último publicado em 1969) a autora primeiramente esclarece algumas determinações fundamentais do espaço em Heidegger, a saber: o instalar (*Einräumen*) e a região de encontro (*Gegend*). Guzzoni mostra que, embora essas noções já estejam presentes em *Ser e Tempo*, nessa obra o espaço ainda é pensado a partir da temporalidade do ser-aí (*Dasein*) e não a partir de si mesmo. Um indício da libertação do espaço da esfera do ser-aí seria a elaboração da noção de lugar (*Ort*), ausente em *Ser e Tempo*. É, então, a partir do conceito de lugar que se podem compreender os novos sentidos que as noções de região de encontro e instalar adquirem.

Na segunda parte de seu artigo, Guzzoni esclarece a diferença entre a obra de arte e as outras coisas produzidas pelo homem. A obra de arte não seria um mero substituto das coisas, as quais foram destruídas pelo projeto técnico-científico da natureza, ela é antes a incorporação de lugares que permitem o movimento da verdade do ser, inaugurando, a cada vez, um acontecimento inédito no mundo. Essa diferença entre coisa e obra pode ser percebida de modo mais intenso na composição poética (*Dichtung*). A partir daí, Guzzoni tece algumas considerações sobre a linguagem, vista como um lugar privilegiado, como um espaço espaçante que faz ver “o invisível a partir do qual as coisas adquirem sua visibilidade”: a composição poética reúne em si o visível e o invisível, permanecendo no umbral que os separa.

Lígia Saramago desvela alguns desdobramentos da noção de espaço a partir do texto de Heidegger “A Arte e o Espaço”, o qual já apresentaria algumas diferenças e nuances conceituais com relação às “Observações sobre Arte – Escultura – Espaço”. Veríamos no texto de 1969 uma espécie de equivalência ontológica entre espaço e lugar, expressa na tradução da palavra grega *topos* por “lugar-espaço” (*Ort-Raum*). Isso seria um indício da importância que a noção de espaço adquire ao longo do pensamento de Heidegger, prevalecendo sobre outras noções como a de lugar, região ou localidade. Assim, o texto “A Arte e o Espaço” poderia ser visto como uma síntese dos diversos momentos

e desdobramentos da temática do espaço ao longo do pensamento do filósofo. Lígia apresenta de forma magistral essa síntese, em um primeiro momento, esclarecendo como o espaço e suas determinações são pensados a partir da obra de arte, especificamente a escultura, enquanto contraponto ao projeto técnico-científico do espaço. O artigo se encerra mediante algumas considerações sobre o espaço e a linguagem.

Por fim, José Luiz Furtado nos traz de volta ao domínio da estética, resgatando-nos das concepções anti-estéticas da arte, suscitadas por Heidegger, e lembrando-nos de que a origem da obra de arte pode ser apreendida a partir de sua gênese na dimensão invisível da sensibilidade. Calcado em Michel Henry – cuja fenomenologia permite revelar aspectos da arte desprezados pelas análises “*hylética*” de Husserl e, por que não dizê-lo, pela ontologização da obra de arte em Heidegger – e analisando os processos criativos de Kandinsky e Cézanne, o artigo nos recorda a importância e a riqueza das interpretações estéticas da arte. A obra de arte seria a tradução das determinações da nossa subjetividade, as quais confundem-se com as determinações do próprio ser, conferindo à obra um caráter ao mesmo tempo cósmico e subjetivo.

Alexandre de Oliveira Ferreira